

## MOVIMENTO EMO:

Um estudo de caso do grupo juvenil EMO em São Luís do Maranhão<sup>1</sup>

**Diego Emir Pereira Chaves<sup>2</sup>**  
**Francisco de Araújo Lima<sup>3</sup>**  
**Luciane Cristina Costa Mota<sup>4</sup>**

**RESUMO:** O artigo propõe uma análise do grupo juvenil EMO enquanto um fenômeno social urbano, por vezes entendida como subcultura ou (neo)tribalismo pelas ciências sociais. Apresenta a questão da juventude na sociedade moderna enquanto construção ideológica das gerações capitalistas do século XX. Esboça um pouco da origem e trajetória do movimento EMO e de como este, de um estilo musical, evoluiu para um estilo de vida, tornando-se uma “tribo” de grande influência no mundo inteiro e no Brasil. Tenta mostrar através da descrição etnográfica como esse movimento se percebe ao elaborar seus conceitos, práticas e relações sociais. O campo de análise é o universo dos grupos EMO’s que frequentam o espaço Reviver da cidade de São Luís.

**Palavras-chave:** Juventude; Subcultura; (neo)tribalismo. EMO.

## 1 INTRODUÇÃO

Este início do século XXI configura-se como um período de consolidação das grandes mudanças tecnológicas e ideológicas, bem como um momento cujas características sociais encontram-se marcadas pelas tecnologias da informação, criando novas diferenciações sociais, em espaços de tempo cada vez menores, ou seja, entre uma geração e outra. Nesse sentido, esta pesquisa aborda um dos variados movimentos sociais surgidos com o advento da modernidade: o movimento EMO.

O surgimento da tribo e/ou movimento EMO no cenário mundial constitui uma dessas novas mudanças na estrutura social moderna, também qualificada como pós-moderna. Proveniente de um gênero musical, essa ideologia transcendeu o contexto da música ao ponto de tornar-se um estilo de vida cada vez mais presente entre os jovens e, por isso, necessita ser estudada pelas ciências sociais.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao GT 2: **Música e Processos identitários**, do II Musicom – Encontro de Pesquisadores em Comunicação e Música Popular, realizado no período de 26 a 28 de maio de 2010, no Campus da UFMA, em São Luis – MA.

<sup>2</sup> Aluno do 4º período dos Cursos de Ciências Sociais, da Universidade Estadual do Maranhão e de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo da Faculdade São Luis e graduando do 1º período de Psicologia na Universidade Federal do Maranhão.

Link do Curriculum Lattes: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.jsp?id=K4427636E0>

E-mail: [diego\\_emir@hotmail.com](mailto:diego_emir@hotmail.com)

<sup>3</sup> Aluno do 3º período do Curso de Ciências Sociais, da Universidade Estadual do Maranhão.

<sup>4</sup> Aluna do 7º período do Curso de Ciências Sociais, da Universidade Estadual do Maranhão.

Esta pesquisa propõe responder ao seguinte problema: como os sujeitos pertencentes ao grupo EMO se analisam enquanto tais? Com esta pergunta pretende-se conhecer a possibilidade de construção simbólica exposta pelos sujeitos em questão através de suas idéias na medida em que estas formatam suas práticas e relações sociais. Além disso, objetiva-se enfocar o movimento EMO enquanto fenômeno grupal formatado no contexto moderno ocidental e cuja lógica deve ser compreendida e analisada pelas ciências sociais.

Num primeiro momento, apresenta-se a questão da juventude na sociedade moderna, buscando-se, forma breve, compreender o contexto histórico dos movimentos juvenis, bem como a abordagem das ciências sociais da juventude sobre os mesmos. .... Posteriormente, esboça-se um pouco da origem e trajetória do movimento EMO, de como este, de um estilo musical, evoluiu para um estilo de vida, tornando-se uma tribo de grande influência no mundo inteiro e no Brasil. Desse estudo teórico, parte-se para as descrições do estudo empírico do fenômeno social em questão.

## **2 A QUESTÃO DA JUVENTUDE NA SOCIEDADE MODERNA**

*“Não existe nada permanente, a não ser a mudança”. (Joseph joubert)*

Neste capítulo, apresenta-se a questão da juventude na sociedade moderna enquanto construção ideológica das gerações capitalistas do século XX a partir de algumas concepções teóricas dadas à chamada cultura jovem do ponto de vista das Ciências Sociais.

A “juventude” ou a “cultura jovem” se consolidou no período pós-guerra com a expansão do consumo, a chamada prosperidade econômica, o modelo de estado de bem-estar social, a expansão das indústrias culturais e dos meios de comunicação de massa, a maior oferta de bens de consumo e das atividades de lazer são alguns dos pontos essenciais na formação dessa nova condição juvenil.

Nesse contexto de transformações, em especial a partir da década de 1960, intensas manifestações culturais e políticas juvenis indicavam que o papel do jovem principiava a ocupar outros espaços.

A expressão juvenil de fato só encontrou oportunidade a partir da segunda metade do século XX.

De acordo com a revista Mundo Educação (2008):

Ao longo da História da Cultura Ocidental, a participação dos jovens era desconsiderada nos movimentos e transformações sociais ocorridas ao longo do tempo. A “voz da juventude” foi por muito tempo reclusa aos olhos de uma sociedade conservadora que, na maioria das vezes, ligava o jovem à imaturidade, ignorância e subserviência familiar. No entanto, a partir da segunda metade do século XX, esse cenário começou a sofrer consideráveis transformações.

Segundo a mesma revista, destaca-se nesse período a ação do movimento hippie, que se contrapôs aos valores morais de sua época pregando ideais de “paz e amor”, criticando a sociedade de consumo e realizando intensa oposição à Guerra do Vietnã. Embalados pelo slogan “sexo, drogas e rock’n’roll apontaram o novo lugar da juventude. Aos poucos este movimento fora se esvaziando, dando lugar a uma juventude mais conservadora que não mais se simpatizava com a ação transgressora da geração anterior. Surgem então os chamados yuppies na década de 1980, estes, por sua vez, mobilizados pela expansão do capitalismo e pela competitividade do mercado de trabalho, começaram a estudar cada vez mais cedo, buscando uma carreira profissional relevante acompanhada do conforto material.

Como assegura ainda a revista Mundo Educação (2008): “A consolidação de um mundo cada vez mais integrado pelo processo de globalização provocou uma nova onda de movimentos juvenis que se colocam contra a própria sociedade que o exclui”.

Segundo Abramo (1994 apud Feitosa 2007), o movimento punk é um claro exemplo de ação juvenil calcada pela crítica de um sistema que visa padronizar comportamentos em torno de um mundo cada vez mais atrelado aos resultados imediatos e à eficiência. Em contrapartida, essa reação à globalização também trouxe outras conseqüências.

A juventude nascida na década de 1980 integra, de acordo com alguns estudiosos e analistas, a chamada geração “Z” (o uso desta letra vem do termo inglês “zapping”, que quer dizer, dar “uma volta”). Essa tal volta, por conseguinte, simboliza a enxurrada de tecnologias que colocaram esses jovens em contato simultâneo com a TV, telefone celular e internet. A facilidade de acesso à informação transforma essa nova geração, de certa maneira, um pouco mais acomodada e direcionada para assuntos diversos, em especial para o uso de tecnologias da informação propagadas pela mídia.

Os estilos de vida e de interação social da juventude eram considerados pelas ciências sociais como situações ditas de risco e se moviam simplesmente por uma rebeldia típica da juventude, sem se ter em conta fatores de classe, gênero ou educação.

No entanto, Steven Miles, sociólogo da Universidade de Plymouth, começa por abordar a natureza das relações entre os jovens e as mudanças sociais, particularmente as

tensões causadas pela divisão que existe na ciências sociais da juventude no que respeita às aproximações estruturais e culturais às mudanças de vida da juventude. O estilo de vida dos jovens representa um significado inquestionável para a sociedade com a sua própria relação com as mudanças sociais, estruturais e culturais. Nesse sentido a construção da identidade dos jovens deve ser particularmente observada pelos sociólogos. (JANOTTI JR, 2003).

O autor considera que durante anos a ciências sociais negligenciou aquilo a que chama de “juventude mainstream”, em prol de uma “ciência social do melodrama”, centrando-se em aspectos como o desemprego, o consumo de drogas, a gravidez na adolescência, partindo daí para uma concepção estrutural da juventude baseada em generalizações sobre a sua natureza.

As noções mais comuns nas análises das ciências sociais no que tange aos temas relacionados à juventude foram: “transição”, “cultura juvenil” e “subcultura”. Para exemplificar, Hebdige (1996), analisando o movimento *punk* britânico em estudo que se tornou uma referência para a área, apresenta a seguinte definição de “subculturas”:

Subculturas são, então, formas expressivas, mas o que elas expressam é, em última instância, uma tensão fundamental entre aqueles no poder e aqueles condenados a posições subordinadas e vidas de segunda classe. Essa tensão é expressa figurativamente na forma de estilo subcultural [...] Durante este livro, eu interpretei subcultura como uma forma de resistência em que contradições e objeções experimentadas a esta ideologia dominante são obliquamente representadas através de estilo. Especificamente eu usei o termo ‘ruído’ para descrever o desafio à ordem simbólica que aqueles estilos parecem constituir (HEBDIGE, 1996, p. 132 e 133; apud Feitosa, 2007, s/p)

Nesta perspectiva, o autor avalia o termo “subculturas” considerando-o como possibilidades de expressão desafiadoras de uma ideologia dominante. E que são caracterizadas pelo estilo próprio de percepção de si e da sociedade. Constituem singularidades sociais forçadas, isto é, propositadamente construídas.

Contudo, aparece entre os anos 80 e 90, uma outra referencia conceitual para caracterizar essas manifestações de grupos juvenis urbanos específicos: a idéia de “tribo” contemporânea ou (neo)tribalismo.

Essa referência conceitual contrapõe-se à ciência antropológica inspirada pelos princípios evolucionistas de ordem e em acordo com as Ciências Naturais do século XIX, onde tinha por objetivo buscar compreender o "outro" colonial (o povo tribal) dentro da escala evolutiva de uma humanidade única e homogênea. Nesta perspectiva do chamado evolucionismo linear, a cultura não tinha presença e era representada num movimento único, necessário e obrigatório em qualquer tempo e espaço.

A concepção de tribo designava grupos sociais primitivos, subdesenvolvidos, atrasados ou pré-modernos. O Interpretativismo simbólico, no entanto, critica as concepções evolucionistas ao indicar que a diversidade sociocultural dos povos coloniais se configuravam em humanidades e que a alienidade (o outro de meu mundo como não humano) do momento anterior estaria superada pela descoberta inicial da alteridade (o outro está no meu mundo e existe em relação a ele).

De qualquer modo, o termo “tribo” tornou-se, nos últimos anos, corrente em veículos de comunicação e pesquisas acadêmicas, além de fazer parte do vocabulário dos que se reconhecem como participantes de algum grupamento urbano específico.

De acordo com o dicionário Houaiss da Língua Portuguesa de 2004, um dos conceitos para tribo é: “grupo com ocupações e interesses comuns, ou ligados por laços de amizade”.

Feitosa (2007) assegura que, academicamente, o conceito de “tribo” ganha destaque a partir do trabalho do sociólogo Michel Maffesoli que recorre a este termo e a “tribalismo” para designar os diversos grupamentos que compõem a sociedade contemporânea.

Esses conceitos, por sua vez, decorrem de um contraponto estabelecido por Maffesoli entre “sociabilidade” e “socialidade”, estabelecido pelo autor para caracterizar as experiências sociais da contemporaneidade. Segundo o sociólogo, enquanto a primeira caracterizaria as relações sociais típicas da modernidade, a segunda remete à “multiplicidade de situações, de experiências, de ações lógicas e não-lógicas” (1998, p. 10) que seriam pontuadas pela informalidade, identificadas por ele essencialmente como pós-modernas. (FEITOSA, 2007, s/p).

Nesse sentido, Maffesoli busca enfatizar no conceito de (neo)tribalismo o “estar-junto” como característica essencial da constituição dessa socialidade, em que a “partilha do sentimento é o verdadeiro cimento societal”. A idéia do conceito de “tribo”, na verdade, se aplica como “modelo teórico” para entender a relação entre gosto musical, estilo visual e identidade de culturas urbanas juvenis. Busca-se, com o conceito, a apreensão de uma idéia de “comunidade” que perpassa nessas formações.

No entanto, Janotti Jr (2003) adverte que o conceito de (neo)tribalismo de Maffesoli, apesar de qualificar a construção de pertencas e vivência de sentimentos comuns, constitui-se numa idéia que dá pouca ênfase à questão das tensões e disputas relativas à apropriação dos produtos culturais e à manifestação desses grupos no cenário urbano. A idéia de tribo romantiza os grupamentos ao não evidenciar as situações de negociações complexas envolvendo questões de espaço e de pressões presentes nesses processos. Nesse contexto, segundo o autor, os meios de comunicação de massa assumem uma posição central que, se reconhecido, é pouco analisado no conceito de Maffesoli.

Admite-se que a partilha de gostos e sentimentos é uma questão essencial desses grupamentos urbanos. Mas parece igualmente importante entender como os media (grandes veículos, veículos especializados, canais específicos de divulgação etc) desempenham um papel essencial para a articulação dessa partilha e, assim, da constituição desses grupos. (JANOTTI JR, 2003, s/p).

As questões levantadas por Janotti Jr. com relação ao conceito de (neo)tribalismo de Maffesoli redirecionam o sentido da ideia de tribo como um modelo teórico de análise dos grupamentos urbanos modernos. Neste artigo o termo tribo é empregado para categorizar o movimento EMO considerando a pertinência e as ressalvas teóricas feitas sobre o conceito.

### **3 MOVIMENTO EMO: de um estilo de música a um estilo de vida**

Uma tribo compartilha de características semelhantes: gostos musicais, ideologias, jeitos de vestir, comportamentos, etc. Dessa forma, os EMO's possuem um jeito peculiar de se vestir, de pensar e de se comportar, bem como possuem o mesmo gosto musical, podendo assim ser considerados como uma tribo.

De acordo com Ikuma (2008), o termo Emo foi criado na década de 80 por meio de artigos de fanzines e revistas especializadas sobre o rock alternativo. Na época, algumas bandas de punk rock começaram a cantar letras introspectivas e sentimentais, relatando sobre suas emoções. Para imprimirem uma representação dessa nova sonoridade, imediatamente, os jornalistas e fanzineiros apelidaram essas bandas como “*emotional hardcore*”.

Percília (2009) assegura que, no entanto, nenhuma banda mesmo aquelas que deram origem ao estilo, aceitam o rótulo de emo. No entanto, após a massificação do termo, atualmente, muitas bandas se definem como pertencentes ao movimento Emo.

Além disso, segundo a mesma autora, esta palavra é ambígua, pois pode ser utilizada tanto como um rótulo que agrega bandas que emergem do cenário underground, quanto para definir a cultura alternativa onde uma pessoa demonstra muita sensibilidade.

Santos (2008) faz uma análise do estilo musical EMO como ponto de origem bandas como Rites of e Embrace (cujo ritmo era menos acelerado que o punk original e as letras mais emotivas) e que foi ganhando adeptos como 7 Seconds e Scream. A partir de 1982, o estilo ganhou uma dinâmica com a mescla de berros e gritos nas canções. Somente a partir dos anos 90, quando houve uma valorização do Emo como estilo de vida, surge uma nova fase do movimento o “pós-EMO”. Nesta fase as batidas são mais lentas, usa-se mais o violão em detrimento da guitarra e as letras se voltam para temas românticos e psicológicos. O seguinte trecho da letra de uma banda nacional exemplifica a música deste estilo: “Entre razões e

emoções a saída é fazer valer a pena, se não agora, depois, não importa, por você posso esperar...” (NX Zero, Razões e emoções).

Santos (2008), a música EMO, ou emocore, mescla o som pesado, característico do punk, com letras introspectivas e românticas. Conflitos com os pais, decepções amorosas, indignações com o mundo são os temas abordados nessas letras. A originalidade criada pelas bandas estava justamente nas temáticas das letras incorporadas na musicalidade radical do punk rock. Assim, se antes as letras buscavam objetivamente corroer os pilares das instituições sociais, essas bandas inverteram o foco e encontraram nas reflexões subjetivas o amparo para suas inquietações juvenis.

O autor mostra ainda que muitos adolescentes que compartilhavam dos problemas retratados nas canções dessas músicas e gostavam da melodia que estava sendo empregada e acabaram adotando o mesmo estilo de vestir dos seus ídolos, como forma de exteriorizar e compartilhar seus sentimentos.

Ikuma (2008) aponta que, no Brasil, essa tribo urbana teve seu destaque na mídia por volta do ano de 2003. Grupos de rock como Dance of Days, NX Zero e Gloria, foram divulgadas de massivamente nos meios de comunicação, contribuindo para a divulgação da sonoridade e proliferação de grupos de jovens que se identificavam com as letras dessas bandas. Alguns se influenciaram pela ideologia do movimento, outros pela forma de se vestir. Por apresentar esse excesso na forma de expressar suas emoções, esse grupo tem sido alvo de muito preconceito tanto da opinião pública quanto de outras tribos urbanas, principalmente de roqueiros e punks.

As características externas mais notórias desse estilo, de acordo com Santos (2008), podem ser definidas da seguinte maneira:

Os adolescentes EMO's têm entre 11 e 20 anos e para serem aceitos na tribo é preciso escutar música emocore. Eles misturam roupas pretas com estampas de desenho animado, botas punk, tênis rosa, colares de bolas, camisas justas, meias arrastão, presilhas no cabelo, cintos de rebite, piercings no canto do lábio, possuem longas franjas e pintam os olhos. Falam sempre no diminutivo, trocam letras em conversas via Internet e chamam as amigas de “maridas”. Palavras terminadas em “inho” como amorzinho, lindinho, fofinho são constantes nas conversas EMO's. Na Internet, maior veículo de disseminação desta cultura, frases como "Sabia que eu te amo?" se transformam em "Xabia q eu ti amu?". Dão demonstrações explícitas de carinho, nas quais meninos e meninas se beijam, se abraçam em publico, seja com pessoas do sexo oposto ou do mesmo sexo. Aceitam a opção sexual dos outros sem preconceitos. Repulsam as pessoas violentas: qualquer tipo de agressão física é altamente reprovável entre os EMO's, lutam por um mundo sem violência. Escrever diários, expressando seus sentimentos, angústias, dores é válido tanto para meninos como para meninas. O menino EMO é sensível e compreende as meninas, é capaz até de chorar por uma decepção amorosa, não tem vergonha de mostrar seus sentimentos.

A questão da juventude moderna enquanto foco de análise das ciências sociais, as teorias sobre as formações juvenis contemporânea e as considerações a respeito das origens, concepções, influências e características do movimento EMO, serviram de subsídios para se realizar um trabalho de campo junto a esse grupamento, descrito no capítulo a seguir.

#### **4 O GRUPO EMO EM SÃO LUÍS**

Para a realização da etapa empírica desta pesquisa foram feitos os seguintes procedimentos metodológicos: seleção das abordagens teóricas e métodos condizentes com o problema e objetivos da pesquisa (o Perspectivismo de Eduardo Viveiros de Castro, o interpretativismo simbólico de Clifford Geertz); elaboração de um roteiro de entrevista para orientar os diálogos com os sujeitos do grupo em estudo; observação direta de um dos espaços escolhido como lugar de encontro desses sujeitos, no caso, o Reviver, em especial a Praça Nauro Machado. E, por fim, a elaboração textual das observações e das análises do fenômeno social em questão.

Para qualificar as descrições aqui expostas, toma-se por empréstimo o conceito de “experiência próxima”, apropriado por Geertz (1983), como caminho adotado nas abordagens diretas com os EMO’s.

Um conceito de “experiência próxima” é, mais ou menos, aquele que alguém – um paciente, em nosso caso um informante – usaria naturalmente e sem esforço para definir aquilo que seus semelhantes vêem, sentem, pensam, imaginam, etc., e que ele próprio entenderia facilmente, se os outros o utilizassem da mesma maneira. [...] (GEERTZ, C, 1983, p. 87).

O campo de estudo proposto para a investigação dos EMO’s foi o espaço Reviver localizado na Praia Grande na cidade de São Luis. Apesar desse espaço não ser exclusivo para ambientação desse grupo, pode-se constatar neste local a presença dos mesmos de forma massiva, em especial nas sextas-feiras. Além disso, pode-se perceber que o local serve como ponto de encontro e descontração, atraindo um número considerável de pessoas não só do grupo em foco, mas de diversos grupos sociais como mostra as afirmações de alguns entrevistados EMO’s<sup>5</sup> quando questionados sobre o porquê da escolha do Reviver.

---

<sup>5</sup> As falas descritas neste trabalho foram coletadas através de entrevistas realizadas junto a alguns membros EMO’s, no entanto, neste trabalho, os nomes verdadeiros foram trocados por nomes fictícios.



“Escolhemos o Reviver como ponto de encontro por ser um local mais acessível, todos do nosso grupo podem vir aqui, eu mesmo que moro distante, fica tranquilo para eu vir para cá, outro fator relevante que consideramos é que um ambiente mais liberal, não é tão cheio de pudores, aqui encontramos diversos grupos, tem os hippies, os punks, o pessoal que vai para boates GLS e tem o nosso grupo, aqui nos sentimos livre (sic), é uma liberdade, mas não quer dizer que só nos reunimos aqui, vamos em outros lugares também, como o shopping, mas o preferido do grupo é aqui.” (Emerson).

Observa-se que existe uma preferência pelo Reviver por conta do ambiente propiciar uma justaposição simultânea de vários grupos sem que haja interferências externas nas ações desses grupos (policiamento intensivo nos grupos e/ou brigas inter-grupos, por exemplo).

“No Reviver está liberdade que todos nós procuramos, sinceramente aqui podem até passar nos olhando, mas é menos perceptível, no shopping todos ficam nos olhando, parece que somos E.T. e não somos. Não gosto de frequentar o shopping. Com a minha galera nunca fui ao shopping, tem alguns que vão, mas eu não. Aqui é bom, todos se sentem a vontade, é muito legal e tem uma sensação de liberdade”. (Daniele)

De um total de oito pessoas entrevistadas, no que tange a questão do Reviver como ponto principal de encontro do grupo, as considerações foram unânimes: todos consideram que ali é o lugar ideal para eles, pois os mesmos se sentem livres para encontros diários ou semanais com seus “miguxos” (denominação usada para falar dos seus amigos). O Reviver é apontado como um local de fácil acessibilidade, com poucas restrições.

Como fora colocado na introdução deste artigo, a pesquisa se propõe a responder como os sujeitos pertencentes ao grupo EMO se analisam enquanto tais com o intuito de conhecer a possibilidade de construção simbólica exposta pelos sujeitos em questão através de suas idéias na medida em que estas formatam suas práticas e relações sociais.

Para isso, as seguintes perguntas foram feitas: Por que ser EMO? Como você começou a se identificar como EMO? Teve alguma influência? Qual? Como faz para entrar no grupo? Como agir para não contrariar o grupo? Com estes questionamentos buscou-se aproximar a pesquisa da proposta metodológica de Eduardo Viveiros de Castro (2002) na medida em que este autor ao colocar o trabalho antropológico enquanto uma relação de conhecimento com as relações de conhecimentos expressos pelos nativos, sugere que o antropólogo tenha em conta que o nativo é um sujeito ou objeto pensante. Assim:

A experiência proposta aqui [...], começa por afirmar a equivalência de direito entre os discursos do antropólogo e do nativo, bem como a condição mutuamente constituinte desses discursos, que só acedem *como tais* à existência ao entrarem em relação de conhecimento. Os conceitos antropológicos atualizam tal relação, e são por isso completamente relacionais, tanto em sua expressão como em seu conteúdo. Eles não são, nem reflexos verídicos da cultura do nativo (o sonho positivista), nem projeções ilusórias da cultura do antropólogo (o pesadelo

construcionista). O que eles refletem é uma certa relação de inteligibilidade *entre* as duas culturas, e o que eles projetam são as *duas* culturas como seus pressupostos imaginados. [...] (CASTRO, E. V., 2002, p. 8).

Para a questão do que é ser Emo as respostas foram similares, justificando sempre o lado emotivo, o gosto músicas que retratem a sensibilidade e o romantismo, bem como o estilo de se vestir, arrumar os cabelos, enfim uma noção de estética própria e instigadora. As seguintes falas comprovam essas proposições:

“Eu costumo dizer que ser EMO é a melhor coisa do mundo, pela sensibilidade que representamos, damos ao mundo uma contribuição melhor que outros grupos.” (João)

“É um estilo de vida, digo, é uma filosofia de vida voltada principalmente para a juventude. Alguns nos consideram aziados, tristes, ou até envolvidos com alcoolismo, drogas e outras coisas, mas o que curtimos são as nossas vestes, maneiras, nossos cabelos mais variados em diversas formas ou cores, muito música boa; enfim, somos emotivamente Emos e nada mais”. (Flávio).

“Ser emo é ser emocionalmente liberto de todas as nossas amizades falsas, pais chatos ou de um mundo caótico e podre. Somos mais originais no que queremos. Então, nós curtimos a beleza da vida uns com os outros. Aqui está a verdadeira sociedade alternativa que tanto falou Raul Seixas”. (Amanda)

Liberdade, vaidade, emotividade e estilo são idéias frequentes nas falas destes jovens. Existe um consenso voltado para os gostos musicais e da aparência estética, assim como uma tentativa de fundar novos conceitos e de inventar um estilo próprio pautado na sensibilidade do sujeito.

No que tange aos processos de identificação com o movimento EMO e as influências que motivaram a adoção do estilo, as explicações foram bem variadas e dão alguns indicativos dos meios pelos quais estes jovens tiveram acesso ao movimento e de como este se tornou um estilo de vida:

“Estive em Fortaleza dois anos atrás, e meu primo Roger era emo e fui participar de um encontro de música promovido pela galera emo de lá e gostei pra caramba, foi muito legal, muito maneiro mesmo; então, decidi participar e quando retornei para São Luis procurei a galera daqui e estamos bem”. (Carlos).

“Tem pouco tempo, quanto a isso até enfrento algum problema, meus pais não entendem direito o que é ser EMO, já expliquei, mas não compreendem e até confundem como homossexualismo. Acredito que tudo começou quando surgiu as grandes brasileiras EMOS, Fresno, Nx Zero, mas também gosto das gringas como My Chemical Romance. (João)”

Certamente a mídia tem favorecido a expansão do movimento EMO. Sabe-se que, pela capacidade dos meios de comunicação de massa de difusão institucionalizada de bens

simbólicos a uma quantidade indefinida de interlocutores, o estilo EMO agregou um número impressionante de adeptos no mundo inteiro. E pelo fato da mídia ter o poder de modificar as formas de interação na sociedade, pessoas que a princípio não compartilhavam do mesmo ideal, tornaram-se EMO's com o objetivo de aceitação e ascensão social. Dessa forma, pode-se afirmar que a grande responsável pelo surgimento e crescimento dessa tribo e/ou movimento é a mídia.

No que diz respeito às regras de acesso ao grupo os entrevistados assinalaram, de modo geral, a adequação ao vestuário, gostos musicais e corte de cabelo, frequentar os mesmos lugares, bem como o respeito ao grupo como regras principais:

“É só se identificar com o grupo e passar fazer parte de nossos encontros semanais que ocorre todos os sábados aqui e viver a nossa estrutura de vida. Deve-se ainda gostar de viver a adrenalina das emoções, pois isto é ser emo. Mas as experiências são muito diferentes para cada emo. Muitos começam e, por causa dos pais ou parentes, não voltam mais”. (Flávio).

“No grupo é simples, vem de all star, roupa preta, franjinha e gostar das nossas músicas, não tem que preencher uma ficha filiação”. (Daniele).

No que concerne às indicações de como não contrariar o grupo, a maioria dos entrevistados elencaram o desrespeito e a intolerância como ações causadoras de mal-estar. Segundo eles, ser Emo implica confraternização e, portanto, “não mexer com ninguém”.

“Não bisbilhotar ninguém do grupo, cada qual é livre, e sempre ter em mente que nos reunimos pra curtir muito a vida e nós mesmos... É só não contrariar nossa liberdade.” (Adriano)

“Há alguns que coordenam as nossas festas e nossos encontros e para fazer parte das festas só quem já tem a confiança do grupo. Então mesmo aqueles que não respeitam as nossas combinações e que procuram desarmonizar nossas festas são descartados até pedir desculpas, é o que já vi, e quem não é emo é só nos respeitar, pois não temos nada contra ninguém e achamos que merecemos respeito.” (Gisele)

Nas duas últimas questões: Como faz para entrar no grupo? Como agir para não contrariar o grupo? Tentou-se vislumbrar a lógica do comportamento do grupo através da enunciação de suas regras e normas. Nesse sentido, adota-se a noção de cultura do interpretativismo simbólico de Geertz (1989), na qual a cultura é considerada enquanto um conjunto de mecanismos de enquadramento (receitas, regras, planos e instruções) e não de crenças, lendas e tradições. Ou seja, como um conjunto de construções sociais que condicionam as possibilidades de pensar e agir de um grupo.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O mundo contemporâneo ocidental tem apresentado novas configurações sociais nas quais as relações que os sujeitos estabelecem com eles mesmos e com os diversos aspectos da vida social, estão ligadas diretamente aos processos de expansão do mercado e das redes de comunicação. Nesse contexto, a tribo urbana denominada Emo, configura-se como uma formatação social moderna e majoritariamente urbana, cuja expressão juvenil está fortemente atrelada aos processos constitutivos da cultura global informatizada.

O enfoque da Antropologia sob esses grupamentos, em especial pelas abordagens pós-evolucionistas e pós-estruturalistas, aponta para o estudo da necessidade que esses grupos jovens demonstram no sentido de significarem a si mesmos no território urbano, construindo sentidos para suas existências por meio da estilização cultural de suas vestimentas e da sexualidade. Percebe-se que o discurso apresentado por esse grupo é o reflexo de um contexto social de infinitas experimentações simbólicas que se entrelaçam culturalmente numa sociedade globalizada.

A partir dessas considerações, pode-se evidenciar um pouco mais sobre o movimento e/ou tribo EMO, compreender com mais clareza o seu surgimento e desenvolvimento como um fenômeno social característico da sociedade globalizada e informatizada, bem como contribuir para minimizar os preconceitos gerados em relação a esse grupo.

## REFERÊNCIAS

CASTRO, Eduardo Viveiros de. O nativo relativo. **Mana**. vol.8 no.1 Rio de Janeiro Apr.2002. Disponível em: [revistamanappgas@gmail.com](mailto:revistamanappgas@gmail.com). Acesso em: 20 de novembro de 2009.

Ciências sociais da Juventude. **Revista Mundo Educação**. Disponível em: [http://www.mundoeducacao.com.br/ciências\\_sociais/ciências\\_sociais-juventude.htm](http://www.mundoeducacao.com.br/ciências_sociais/ciências_sociais-juventude.htm)  
Acesso em: 25/11/2009.

FEITOSA, Ricardo Augusto de Sabóia. **Jovens em transe: grupos urbanos juvenis da Contemporaneidade, conceitos e o “underground”**. Disponível em: [http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/404nOtF0und/503\\_25.htm](http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/404nOtF0und/503_25.htm). Acesso em: 24/11/2009

GEERTZ, Clifford. Do ponto de vista dos “nativos”: uma natureza do entendimento antropológico. In: \_\_\_\_\_. *O saber local*. Rio de Janeiro, 1983.

\_\_\_\_\_. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In: \_\_\_\_\_. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

HOUAISS. **Dicionário da Língua Portuguesa**. São Paulo: Abril cultural, 2004.

IKUMA, Daniel M. **Juventude e contemporaneidade: afinal, o que é EMO?** Disponível em: <http://www.redepsi.com.br/portal/modules/soapbox/article.php?articleID=338>  
Acesso em: 24/11/2009.

JANOTTI JR, Jeder. **Da Lama ao Caos, Do Caos à Lama: algumas propostas para a análise das comunidades e grupamentos contemporâneos**. 404nOtF0und, ano 2, v 1, n. 25. 2003. Disponível em: [http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/404nOtF0und/404\\_25.htm](http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/404nOtF0und/404_25.htm) Acesso em: 25/11/2009.

PERCÍLIA, Eliene. Emo. **Brasil escola.com**. Disponível em: <http://www.brasile scola.com/sociologia/emo.htm>. Acesso em: 24/11/2009

SANTOS, Francisco dos. **EMO: uma tribo**. Disponível em: <http://chico.f.santos.googlepages.com/emo-uma-tribo.html>. Acesso em: 24/11/2009.

